



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA - PORTUGUÊS**

DAYANE KELLY BARBOSA FREIRE SALES

**UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM JÓ DE *SOL DAS ALMAS*:
ENTRE O SAGRADO E O PROFANO**

**CAMPINA GRANDE
2019**

DAYANE KELLY BARBOSA FREIRE SALES

**UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM JÓ DE *SOL DAS ALMAS*:
ENTRE O SAGRADO E O PROFANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras.

Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra.

**CAMPINA GRANDE
2019**

S163u Sales, Dayane Kelly Barbosa Freire.
Uma análise do personagem Jó de Sol das almas
[manuscrito] : entre o sagrado e o profano / Dayane Kelly
Barbosa Freire Sales. - 2019.
21 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação , 2020.
"Orientação: Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e
Costa Agra , Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."
1. Análise literária . 2. Sagrado. 3. Profano. 4.
Hermenêutica. I. Título
21. ed. CDD 801.95

DAYANE KELLY BARBOSA FREIRE SALES


UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM JÓ DE *SOL DAS ALMAS*:
ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

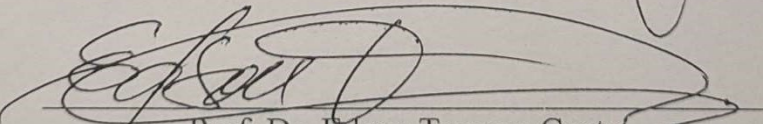
Artigo apresentado ao Programa de
Graduação em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em Letras.

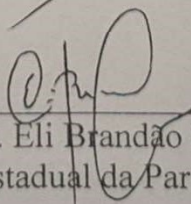
Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em: 29/11/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Anaã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Edson Tavares Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Eli Brandão Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz e crio o mal; Eu, o Senhor, faço todas essas coisas”. (Isaías 45:7).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	A DUALIDADE SAGRADO/PROFANO NA FIGURA DO PERSONAGEM JÓ	08
2.1	Jó encontra o profano	09
2.2	A vida de Jó	12
2.3	A personagem Jó	15
3	CONCLUSÃO	19
	REFERÊNCIAS	21

UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM JÓ DE *SOL DAS ALMAS*:
ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

Dayane Kelly Barbosa Freire Sales¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é de estabelecer uma investigação do personagem Jó do romance *Sol das almas* de Hermilo Borba Filho (1917 – 1976). Na dramática vida do personagem nos deparamos com o estado típico de uma existência ambígua, cujo itinerário oscila entre a sacralidade de uma vida predestinada à salvação e a liberdade das erupções que perfazem a existência mundana inclinada ao pecado. Com base nessa perspectiva, pretendemos utilizar as ideias do pensador romeno Mircea Eliade (1907 - 1986), numa obra intitulada *O sagrado e o profano* de 1957 para esboçar em linhas gerais as fronteiras que delimitam as esferas do elemento sacro e do elemento profano, que residem firmemente no espírito religioso dos indivíduos. Para o *homo religiosus* sempre haverá o sagrado, o sobrenatural, pois ele é o elemento santificador que rege a realidade por excelência. Esse homem assume um modo específico de existir no mundo. Na *via crucis* encarada pelo personagem eclesiástico, relataremos o caso de uma vida religiosa que sofre e cede as influências pecaminosas do mundo ordinário, mas que nem por isso deixa de ser uma existência religiosa. O sacrifício inicialmente intencionado por Jó emite a sacralidade inata à consciência religiosa, a tal ponto que as práticas do cotidiano como alimentação, sexo, trabalho e etc., exibem as próprias expressões do sagrado. Depois, os impulsos voluptuosos da personagem, pouco a pouco vão subtraindo do sexo o elemento sagrado. Lentamente ele se perde em um emaranhado de cheiros e gostos advindos do sexo profano, onde o atrativo é o sabor de um desejo ardente consumado. Através dos resultados, somos levados a concluir que o homem religioso é um ser que tem a vida submetida a dois meios complementares da existência, a saber, o sacro e o profano.

Palavras-chave: Sagrado; profano; hermenêutica.

ABSTRACT

The aim of this work is to establish an investigation of the character Jó of the novel *Sol das Almas* by Hermilo Borba Filho (1917 - 1976). In the dramatic life of the character we encounter the typical state of an ambiguous existence, whose itinerary oscillates between the sacredness of a life predestined for salvation and the freedom from the eruptions that make up the sin-prone mundane existence. Based on this perspective, we intend to use the ideas of the Romanian thinker Mircea Eliade (1907 - 1986), in a work entitled “The Sacred and the Profane”, of 1957, to outline the boundaries that delimit the spheres of the sacred element and the profane element, that lie firmly in the religious spirit of individuals. For the *homo religiosus* there will always be the sacred, the supernatural, for it is the sanctifying element that rules reality par excellence. This man assumes a specific way of existing in the world. In the *via crucis* faced by the ecclesiastical character, we will report the case of a religious life that suffers and gives in to the sinful influences of the ordinary world, but that is nonetheless a religious existence. The

¹ Aluna de Graduação em Letras – Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: kellykira98@gmail.com

sacrifice initially intended by Jó emits the innate sacredness of the religious conscience to such an extent that everyday practices such as food, sex, labor etc., exhibit the very expressions of the sacred. Then the character's voluptuous impulses gradually subtract the sacred element from sex. Slowly he gets lost in a tangle of smells and tastes from unholy sex, where the allure is the taste of a consummate burning desire. Through the results we are led to conclude that the religious man is a being who has his life subjected to two complementary means of existence, namely, the sacred and the profane.

Key-words: sacred; profane; hermeneutics.

1 INTRODUÇÃO

Na cidade de Palmares, interior de Pernambuco, iniciam-se os momentos da peleja concupiscente que alimenta o desejo sexual reprimido do personagem principal de *Sol das almas*. Publicado primeiramente em 1964, escrito por Hermilo Borba Filho, esse romance narra o drama da dessacralização de Jó, pastor luterano atormentado pelo demônio do sexo. Conseqüentemente, por ser uma autoridade religiosa para os locais, Jó deve prestar-se ao exemplo de uma vida que segue à risca os ditames da moral cristã, caso contrário, sua imagem como figura religiosa perde credibilidade à vista dos fiéis: “dei para fumar, com desgosto dos presbíteros, e cheguei ao ridículo de tirar baforadas às escondidas, como qualquer menino, com receio de ser surpreendido” (BORBA FILHO, 1974, p. 16). Indagações sobre a fé, a religião e a própria humanidade sustentam a base reflexiva de um drama psicológico que acompanha Jó através de uma *via crucis* contada em 19 capítulos². Minuciosamente o autor introduz cada capítulo com as características que descrevem as estações ferroviárias das veredas do Sertão até o litoral pernambucano, intercalando a narrativa em primeira e terceira pessoa.

Como objeto de nossa análise, *Sol das almas*, no horizonte hermenêutico das expressões do sagrado/profano, possui em seu centro a tensão do pastor Jó entre a libidinagem e a castidade³. Através dessa questão, podemos explorar as possibilidades existenciais que se abrem perante as marcas do elemento sacro e do elemento profano na vida do protagonista. Pois “toda crise existencial põe de novo em questão, ao mesmo tempo, a realidade do mundo e a

² Os capítulos são intitulados com os nomes das cidades por onde passa a locomotiva pernambucana antes de chegar à capital, são elas: Santa Fé, Joaquin Nabuco, Cuiambuca, Gameleira, Ribeirão, Aripibu, Frexeiras, Barão de Suassuna, Escada, Timbó-Açu, Mauá, Mercês, Cabo, Ilha, Pontezinha, Prazeres e Boa viagem.

³ Compreendemos que a personagem Jó do romance de Borba Filho se mostra quase como uma repetição de Amaro, do livro “O Crime do Padre Amaro”, do português Eça de Queirós. Certamente Borba Filho conhecia o romance lusitano e o tinha em grande apreço, já que faz quase uma homenagem na programação de sua personagem principal neste romance de que hora tratamos. Como nosso interesse não é a literatura comparada, no entanto, preferimos nos eximir de qualquer diálogo com a obra portuguesa.

presença do homem no mundo” (ELIADE, 1992, p. 101). Desse modo, vamos expor a dualidade apresentada na personalidade de Jó e como ela corrobora para uma dupla abertura existencial, culminando, neste caso, num fim trágico.

Para estruturar a noção referente à dualidade sagrado/profano utilizaremos as ideias do pensador romeno Mircea Eliade (1907 - 1986), em *O Sagrado e o Profano*, de 1957, para esboçar em linhas gerais as fronteiras que delimitam as esferas do elemento sacro e do elemento profano, que residem firmemente no espírito religioso dos indivíduos. Para o *homo religiosus* sempre haverá o sagrado, o sobrenatural, pois ele é o elemento santificador que rege a realidade por excelência. Esse homem assume um modo específico de existir no mundo; “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história” (ELIADE, 1992, p. 14).

Como suporte para nosso raciocínio, teremos por base um diálogo com a tradição do pensamento crítico-literário a partir de Beth Brait em *A personagem*, indagando a noção de *verossimilhança interna de uma obra* presente na *poética* de Aristóteles, pois, com estes sabemos que “não é ofício do poeta narrar o que realmente acontece; é, sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer; o que é possível, verossímil e necessário.” (ARISTÓTELES apud BRAIT, 1985, p. 30). Faremos ainda breve menção a Santo Agostinho, assim também como faz a personagem Jó em *Sol das Almas*, para abrandar a inquietação do espírito que desconhece o poder da carne: “deste modo entendia pela própria experiência o que tinha lido, de que a carne peleja contra o espírito e o espírito contra a carne.” (BORBA FILHO, 1974, p. 216). Também citaremos neste trabalho, *Memória de resistência e resistência da história* de Geralda Medeiros Nóbrega, em links com Sílvio Roberto de Oliveira, *Um palco em suas mãos*. Aqui encontramos Borba Filho como um tecedor de “personagens: vivos, vividos, bem caracterizados, falantes, falados, naturais, espontâneos, verdadeiros, gente de verdade, não bonecos estereotipados” (OLIVEIRA, 1994, p. 9).

Contudo, para um desfecho satisfatório da nossa análise, devemos levar em consideração o peso exercido pela moral cristã nos indivíduos periféricos que compõem a figuração do romance, inclusive o lugar e a época em que se desenrola a história. A trama desvela-se no interior de Pernambuco e é composta por indivíduos potencialmente enraizados na religião católica ou protestante. Logo, nessa região impera a marca do patriarcado, que é herança das religiões monoteístas, nesse caso, a cristã, que se estabeleceu no Ocidente de forma predominante através dos tempos. Com o advento da modernidade, deu-se um aprofundamento do fenômeno da dessacralização nas esferas da vida cotidiana do indivíduo, e essas passaram a

ser enxergadas com outros olhos. Segundo Mircea Eliade (1992, p. 14): “(...) o mundo profano na sua totalidade, o Cosmo totalmente dessacralizado, é uma descoberta recente na história do espírito humano”. No entanto, esse processo adquire maior intensidade na Europa ocidental; em *Sol das almas* a tradição do espírito religioso cristão ainda é muito forte e patente na vida dos comuns. Na dramática existência do pastor Jó nos deparamos com o estado típico de um personagem ambíguo, cujo itinerário oscila entre a sacralidade de uma vida predestinada à salvação e a liberdade das erupções que perfazem a existência mundana inclinada ao pecado.

O sacrifício inicialmente intencionado por Jó emite a sacralidade inata à consciência religiosa, a tal ponto que as práticas do cotidiano como alimentação, sexo, trabalho etc., exibem as próprias expressões do sagrado. Depois, os impulsos voluptuosos do personagem, pouco a pouco, vão subtraindo do sexo o elemento sagrado. Lentamente ele se perde em um emaranhado de cheiros e gostos advindos do sexo profano, onde o atrativo é o sabor de um desejo ardente consumado. O limiar das nossas investigações sobre o campo da profanação exercida pelo pastor em *Sol das almas* reside na explanação de alguns pecados cometidos por este. Entre eles, a luxúria, o sexo extraconjugal, e por fim o suicídio. Também a presença de símbolos que denotam o peso de uma consciência culpada.

Com a vida forjada nos ditames da tradição cristã, a partir do suicídio o pastor sabe que condenará de vez à derrocada final de sua alma, imergindo completamente na profanidade. Desse modo, concatenamos com uma possível prevalência do profano sobre o sagrado na vida da personagem. Isso se torna mais nítido quando, após passar por situações de equilíbrio o pastor, no fim, sempre age de forma nefasta, aos olhos da tradição cristã. Contudo, somos levados a encarar o pastor Jó como típico homem religioso que, embora seja vítima das nuances da carne, preserva em si as credences místicas cheias do jogo entre o sagrado e profano. Através dos resultados, somos levados a concluir que o homem religioso é um ser que tem a vida submetida a dois meios complementares da existência, a saber, o sacro e o profano. Mas no caso da personagem principal de *Sol das almas*, onde a existência é construída praticamente sobre a tensão do pecado da libidinagem, e da restauração do equilíbrio na sacra castidade, vence o profano.

2 A DUALIDADE SAGRADO/PROFANO NA FIGURA DO PERSONAGEM JÓ

2.1 Jó encontra o profano

Jó é um pastor luterano que vive uma pacata vida interiorana ao lado de sua esposa Estela. Ministra o culto na igreja evangélica de Palmares e leciona aulas de inglês no Liceu, de modo que essas obrigações tornaram cômoda ao longo de cinco anos a vida do pastor. Mas logo depois Jó se vê angustiado, aflito: “tudo que fazia era como um esforço quase sobre-humano” (BORBA FILHO, 1974, p. 16). Certo dia, o pastor adquiriu em uma livraria qualquer no Recife um livro de “capa verde” de conteúdo erótico, mais precisamente, um manual de sexo. Levado pelo impulso da luxúria, o eclesiástico impõe sua esposa a diversas práticas sexuais no intuito de consumir seus desejos carnis.

Nos primeiros capítulos encontramos dois problemas, um possivelmente de cunho cultural ou de época, e outro de natureza religiosa, Primeiro, Jó na consumação do seu desejo não reflete sobre a repercussão da forma como é concebido, ou como se sente Estela diante da postura do marido: “até então eu a encarara apenas como um objeto passivo, que aceitaria tudo com um certo nojo, jamais passara pela mente levar em conta o seu prazer” (BORBA FILHO, 1974, p. 58). Segundo, por ser cristão, protestante, e aparentemente exibir uma vontade de transpor a caótica esfera profana, a infração torna-se grave porque o sexo por pura satisfação, a seu ver, é apenas libidinagem, pecado: ““Também é pecado?”, insisti. “No nosso caso, também. A finalidade do ato é a fecundação, não é? Se não temos filhos tudo é libidinagem”” (BORBA FILHO, 1974, p. 59). O que entra no jogo da consciência é uma possível profanação da alma através das práticas sexuais. Por sua vez, enquanto libertinagem, o sexo também pode se tornar um dos sete pecados capitais. O segundo problema aflige constantemente a consciência de Jó, enquanto o primeiro, relativo à subjetividade de Estela, passa despercebido aos olhos do pastor libertino.

Dois elementos metafóricos, que provavelmente aludem à consciência profana da personagem, desaparecem momentaneamente de cena, dando a sensação de que Jó retomou de vez o caminho sacro. **1)** A bola de sebo, que aparece em seu corpo como uma materialização da culpa do pecado que está presente em sua alma; “recostei-me na cadeira e senti a dor no cangote. Passei a ponta dos dedos na bola de sebo, alta, avermelhada, inflamada” (BORBA FILHO, 1974, p. 19 - 20). **2)** O *morcego*, a sombra da consciência culpada, que entra em conflito com o corpo e olha com escárnio para os desejos deste; “o morcego apareceu outras vezes e somente quando eu folheava o livro. Empreendi uma caçada ao bicho, não houve maneira de localizá-lo, mas quando me sentava com brochura ele surgia e começava com os seus vôos” (BORBA FILHO, 1974, p. 19 - 30). Depois de algumas tomadas de atitudes que configuram

mais como paliativos para seu problema com o sexo, os símbolos que atormentam sua vida resolvem lhe dar uma trégua; “o carço havia estourado, não doía mais (...). Aos meus pés, de asas abertas, vi o morcego, morto.” (BORBA FILHO, 1974, p. 33).

Em determinado momento, Jó mostra-se decidido a retomar os caminhos de um cristão sacro, comprometido com a salvação da alma: “o beijo foi uma mordida e todos os meus sentidos despertaram. Cheguei a esboçar um gesto para puxá-la e novamente voltar à lama, mas ainda tive força para desprender os seus braços” (BORBA FILHO, 1974, p. 59). No entanto, o sexo continua a perseguir o pastor como uma espécie de demônio:

sabia que estava sonhando e a luta era para acordar e fugir ao mundo sensual que, sem peias, se impunha com toda a sua devassidão. Muitas vezes sucumbi e me satisfiz, os lençóis maculados causavam-me horror ao despertar. Adia a hora de ir para a cama onde, mal fechasse os olhos, as mulheres me assaltavam. Permanentemente um cinturão de fogo me apertava os rins e o sexo tornou-se de tal modo sensível que a esfregadela do sabonete no banho era um ato heroico. Como nos sonhos, também sucumbi, solitário, e dessas provas saía ainda mais amargurado. (BORBA FILHO, 1974, p. 60).

Sem contar com a reação da esposa, Jó rejeita as carícias que desembocaram em atos profanos, então, instala-se a partir daí uma tensão entre marido e mulher:

(...) você tem outra mulher?, perguntou. Minha reação foi maior do que deveria ser, apegando-me àquela suposição que desviava o assunto. “Como você pode pensar uma coisa dessas?” “É o que parece”, voltou ela à carga. “Depois de termos mergulhado em todas aquelas coisas, de repente você corta tudo sem explicação”. Ali estava o caminho: “Justamente por isto”. Disse-lhe. “estávamos em estado de pecado.” (BORBA FILHO, 1974, p. 58).

Antes de instaurar a tensão entre as personagens, ainda no primeiro capítulo, vislumbra-se uma relação estreita entre corpo e alma refletida através da postura do pastor. Enquanto o corpo é compreendido como receptáculo das impurezas mundanas a alma aparece como expressão da pureza sagrada: é “um instinto que o Criador colocou na raça humana, o ter repugnância pela sujeira (...) nossa alma exige também pureza e santidade, a fim de viver a verdadeira vida espiritual e santa.” (BORBA FILHO, 1974, p. 14). Corpo e alma subjazem numa relação onde uma parece depender da outra. Em outras palavras, para manter a alma pura é necessário também manter o corpo limpo, pois, “mens sana in corpore sano” (BORBA FILHO, 1974, p. 15).

O sacrifício intencionado por Jó, no início de *Sol das almas*, expressa a sacralidade inata à consciência religiosa, a tal ponto que as práticas do cotidiano como alimentação, trabalho etc., devem exibir as próprias expressões do sagrado, algo típico da postura de quem busca a salvação da alma, concedida somente para aqueles que seguem os dogmas da religião.

Destarte, “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 1992, p. 13). Desde os tempos remotos a humanidade compreende o sagrado como aquilo que é permanente, extraordinário, fantástico, a realidade por excelência, o ser: “(...) potência sagrada quer dizer realidade, perenidade e eficácia” (ELIADE, 1992, p. 14). A dualidade sagrado/profano é compreendida pela tradição do pensamento religioso como sinônimo de real/irreal. Essas definições permitem delimitar a dualidade presente nas características da personalidade do pastor Jó, configurada a partir da oscilação entre o elemento sacro presente nos momentos em que ele apresenta uma vontade de resignar-se dos desejos carnaís, e o profano através da vontade de obedecer às pulsões do corpo.

Antes de adentrarmos na psicologia de Jó, devemos consultar uma definição pertinente do sagrado para podermos esmiuçar a figura da personagem de *Sol das almas* com mais objetividade. Contudo, nossa temática dialoga com os interesses das ciências da religião, da história da religião e da filosofia. Então, cabe citar aqui, como questão de aprofundamento teórico, a definição encontrada no famoso dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano, onde o sagrado expressa-se como:

objeto religioso em geral, ou seja, tudo o que é objeto de garantia sobrenatural ou que diz respeito a ela. Como essa garantia pode ser às vezes negativa ou proibitiva, o S. tem caráter duplo de santo e sacrílego: S. porque prescrito e exaltado pela garantia divina ou porque proibido ou condenado pela mesma garantia. (ABBAGNANO, p. 866).

Dentro da obra literária em questão são visíveis as marcas das manifestações culturais religiosas, principalmente na moral que encarna as personagens periféricas. A *via crucis* encarada por Jó relata o itinerário presente na vida de um devoto cristão que sofre com as influências pecaminosas do mundo ordinário e com as erupções libidinosas do mundo interior:

tudo viera lentamente, uma coisa ajudando às outras, pequenas minúcias que se juntavam, dissensões, o caminho do pecado (...) embora quisesse abafar as vozes que nasciam dentro de mim, sempre tive a certeza de que era um libidinoso. E o que é mais: um hipócrita. Aí está: não somente tentara abafar as vozes, procurando um caminho para Deus, no qual andava como um sonâmbulo, como tinha exageros que eram apenas uma máscara. (BORBA FILHO, 1974, p. 26).

Logo, o pastor cogita desculpas que justifiquem sua conduta nada apropriada à natureza de um sacerdote⁴: “eu não havia nascido para pastor protestante. Fora levado pela família e depois viera o hábito, mas nunca tivera vocação” (BORBA FILHO, 1974, p. 26).

2.2 A vida de Jó

O pastor perambula entre uma existência e outra. Para demonstrar isso, devemos esmiuçar com cautela as esferas que perfazem a vida do clérigo – do sacro ao profano. Percebe-se nas linhas do primeiro capítulo da obra uma tentativa de resignação para o caminho das virtudes cristãs a partir da queima do “livro de capa verde”, e o conseqüente desaparecimento dos símbolos de uma consciência que se sente culpada.

No entanto, as erupções da carne começam a esquentar novamente na vida de Jó a ponto de deixá-lo inquieto. Com isso, surgem coisas grotescas, como quando o pastor se relaciona sexualmente com sua esposa sem o consentimento dela:

Estela dormia como se tivesse tomado um soporífero, porque comumente seu sono era agitado e intermitente. (...) bem de leve passei a ponta dos dedos sobre o bico dos seios senti a carne encrespar-se por baixo do tecido leve, mas ela continuou como estava, o rosto ligeiramente voltado de lado, as mãos abandonadas. Arriei a alça de sua camisola de um lado, depois do outro e puxei a peça, descobrindo-lhe os seios, alvos, naquela posição espalhados para os lados, derramados para as axilas. Fiquei de joelhos na cama e comecei a descobrir-lhe as pernas, pouco a pouco, subindo cada vez mais: (...) Continuei, mas a camisola ficou presa pelo peso das nádegas. Forcei um pouco e ela, sem sair da posição, ergueu o corpo para facilitar o trabalho, completamente mergulhada no sono. Então o sexo apareceu, escuro, misterioso. (...) Despi-me apressadamente e em pé, ao lado da cama, a minha verga era como uma espada suspensa para ferir. Nunca a possuíra assim, sem desejos alheia ao mundo, sem nenhuma participação com o ato. Acordaria penetrada e era como se eu violasse o seu mundo trazendo-a de chofre de outras paragens para a minha vontade. (BORBA FILHO, 1974, p. 31).

Outro momento expressa muito bem a personagem, que, incapaz de se prender em seus desejos, violenta a esposa. Eis a cena:

A linha de suas nádegas cheias estava firme, sua elevação agravou ainda mais o meu desejo. Mais como um animal deitei-me ao seu lado e apertei-a fortemente, as mãos cravadas nos seios. Ela se debateu como uma possessa, sem palavras, mas eu a desnudava aos poucos e dosava as carícias, quebrando sua resistência. Num movimento mais rápido da luta o quebra-luz caiu e espatifou-se no chão. A escuridão envolveu-nos e com ela foi-se o último

⁴ Verificamos aqui, apenas a cabo de informação, outra similaridade entre o pastor Jó do romance de Borba Filho e o padre Amaro de Eça de Queiroz, pois as mesmas razões levantadas pelo padre Amaro aparecem como motivo para o pastor Jó.

resquício de pudor. Arranquei-lhe a camisola despi-me sem soltá-la, nossos corpos colando-se, eu procurava sua boca, consegui-a. sua resistência afrouxava e eu não descansava nos pontos sensíveis, sentindo que ela se entregava cada vez um pouco mais, embora as unhas afiadas me rasgassem as carnes das costas e os dentes mordessem como os de uma fera, mas aquilo me excitava ainda mais, a mistura de ódio e desejo. Coloquei-a afinal em posição e quebrei suas últimas barreiras, violentando-a. (BORBA FILHO, 1974, p. 89).

Os impulsos de Jó pouco a pouco vão subtraindo do sexo o elemento sagrado, como aquele depositado pelo cristianismo no sentido de gerar vidas. Lentamente a personagem se perde em um emaranhado de cheiros e gostos advindos do sexo profano, em que o atrativo é o sabor de um desejo ardente consumado: “porque assim diz o Senhor: eis que os que não estavam condenados a beber o copo totalmente o beberão; e tu mesmo totalmente seria absolto? Não serás absolto, mas totalmente o beberás.” (BORBA FILHO, 1974, p. 46).

Passados alguns capítulos, Jó conhece a mulher do Dr. Bertoldo, cuja beleza o devora por inteiro a ponto de desvirtuar todos os pensamentos do pobre pastor libertino. Júlia é uma loira europeia de origem húngara que se casou com Dr. Bertoldo (médico viciado em morfina). Júlia, que trabalhou como corista em prostíbulos, logo é considerada “mulher da vida” nos cochichos dos palmarenses. Com o tempo, a luta do pastor contra a libido vai se tornando cada vez mais intensa, refletindo em seus sermões o sentimento malgrado em seu íntimo, que grita por vazão, manifestação da vontade inacabada.

De repente, algo de inesperado acontece, Estela engravida. Tal acontecimento deveria representar o impulso máximo rumo à vida sacra, livrando o pastor dos pensamentos pecaminosos, “— Estela está grávida — continuei — e isso vai modificar tudo.” (BORBA FILHO, 1974, p. 80). Mas, obviamente, nada muda, e o demônio do sexo que domina o âmago de Jó continua perturbando-o:

logo a imagem de Júlia, pela primeira vez, apresentou-se de maneira nítida. Deixei-me levar: senti o perfume de verbena penetrante e, fechando os olhos, pus-me a acariciar os seios que entrevira, o começo das coxas, as nádegas debaixo da seda, os sovacos raspados. O cinturão de fogo comprimia-se cada vez mais em torno dos meus rins e o instrumento rasgava as calças. (BORBA FILHO, 1974, p. 84).

Tomado pelo desejo ardente despertado após o cheiro do perfume de verbena de Júlia, não demora muito e a vida espiritual do eclesiástico declina a ponto de cometer adultério:

peguei-a pela cintura e seus braços se enrolaram no meu pescoço, ela mordida minha boca. Rolamos para o tapete. Quando voltei ao mundo a cabeça da negrinha, encostada à porta, olhava-nos sem nada que denunciasse a surpresa ou medo, um molho de alface na mão. (BORBA FILHO, 1974, p. 103).

Faz-se necessário lembrarmos de Santo Agostinho (1995, p. 32) numa passagem de *O livre-arbítrio* quando, interpelado por Evódio sobre a origem do mal no casamento, responde: “talvez seja na própria paixão que esteja a malícia do adultério”. Para tanto, o filósofo cristão usa como exemplo Mateus, capítulo 4, versículo 28: “qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela”. Por isso, *o mal provém da paixão interior*. Deus concede o livre-arbítrio, mas suspenso pela balança da justiça, no intuito de beneficiar aqueles que seguem com retidão os caminhos celestes, mas também de castigar aqueles que adotam os caminhos tortuosos. No penúltimo capítulo de *Sol das almas*, o próprio Jó cita *As confissões* de Santo Agostinho:

estendi a mão e puxei um livro encadernado de couro, sem título na lombada e na folha de rosto pude saber o que era: **As Confissões**, de Santo Agostinho. Abrindo-o ao acaso, li palavras que poderiam ser minhas: “Deste modo entendia pela própria experiência o que tinha lido, de que a carne peleja contra o espírito e o espírito contra a carne” (BORBA FILHO, 1974, p. 216).

Em *As confissões*, registro autobiográfico, Santo Agostinho escreve sobre o quanto ele se arrepende de ter caminhado por vias ilícitas, levando assim uma vida pecaminosa e imoral. Sobre o prazer do pecado da carne, vivenciado aos dezesseis anos através das paixões sensíveis num momento em que o filósofo estava tomado completamente pela luxúria, diz Agostinho (1997, p.48):

minha alma estava doente, coberta de chagas, ávida de contato com as coisas sensíveis. (...) Era para mim mais doce amar e ser amado, se eu pudesse gozar do corpo da pessoa amada. Assim, eu manchava as fontes da amizade com a sordidez da concupiscência e turbava a pureza delas com a espuma infernal das paixões. Não obstante eu ser feio e indigno, apresentava-me, num excesso de vaidade, como pessoa elegante e refinada.

Aqui encontramos uma similaridade entre os deslizes voluptuosos cometidos pelo filósofo, e os problemas da carne vividos na pele do pastor Jó. Diferenciando-se apenas pelo fato do filósofo resignar-se dos desejos imorais, enquanto a personagem afunda-se cada vez mais na sua lascívia.

A ordem moral derivada da cristandade circunda a cultura que envolve as relações sociais propagadas através da obra em questão. Todo apanhado referente ao material humano é realizado com extrema cautela, a partir de uma observação técnica eficiente para captar a psicologia predominante na região onde a trama se desenrola. Aqui, identifica-se uma proximidade entre ficção e realidade. Isto acontece por causa da fidelidade com o material humano colhido para formar as personagens do escrito, por isso, “é bom lembrar que este

escritor expõe nas suas histórias elementos com os quais convive normalmente.” (NÓBREGA, 2015, p. 55).

Para maior compreensão da estrutura das personas que surgem no escrito, citamos aqui as palavras de Silvio Roberto de Oliveira (1994, p. 9):

personagens: vivos, vividos, bem caracterizados, falantes, falados, naturais, espontâneos, verdadeiros, gente de verdade, não bonecos estereotipados como se uma câmara precisa digitalizasse amostras de vida diretamente para dentro da mente do leitor.

Há uma gama variada de personas que se destacam por via dos signos linguísticos empregados com certo grau de significância: “(...) o significado do nome quase sempre está associado à profissão.” (NOBREGA, 2015, p. 60). Neste caso, temos o pastor *Jó*, cujo nome é retirado de um personagem bíblico. Bastante conhecido entre os religiosos, o *Jó* bíblico do antigo testamento é atormentado pela sombra do pecado frequentemente, levado a ferro e fogo a blasfemar contra Deus. Mas, com toda tragédia que sucede na vida do *Jó* bíblico, ele não cede ao pecado, e aí está para Deus toda a sua virtude e riqueza. No entanto, não é bem assim que ocorre em *Sol das almas*, pois a natureza que configura o pastor é completamente diferente do personagem bíblico. Eis a rápida conexão entre o *Jó* bíblico e o pastor *Jó* no romance: “tirei a **Bíblia** e li o capítulo 14 do livro de *Jó*” (BORBA FILHO, 1974, p.200).

2.3 O personagem *Jó*

Toda conceituação em volta da personagem *Jó* está vinculada diretamente com a aproximação entre as possibilidades da personagem fictícia e a pessoa verídica. Despoja-se de evidências consequentemente possíveis por intermédio da realidade factual, em que o autor busca salientar os fatos reflexivos sobre a natureza humana, neste caso, a natureza vivida por eclesiásticos.

Ao nos reportar às ideias de natureza crítico-literária, faz-se necessário recordarmos do filósofo Aristóteles, quando na *Poética*⁵ destaca, entre outras coisas, dois aspectos essenciais das personagens: 1) o reflexo da pessoa humana na personagem; 2) a construção da personagem, cuja criação obedece a leis particulares que configuram o texto. Desta maneira:

⁵ Na *Poética*, o filósofo Aristóteles problematiza a semelhança entre personagem e pessoa a partir do conceito de *mimesis* (imitação). Contudo, o que nos interessa nessa abordagem é o que o filósofo compreende por *verossimilhança interna de uma obra*.

não é ofício do poeta narrar o que realmente acontece; é, sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer; o que é possível, verossímil e necessário. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem em verso ou prosa (...), - diferem sim em que diz um as coisas que sucederam e o outro as coisas que poderiam suceder. (ARISTÓTELES apud BRAIT, 1985, p. 30).

Para endossar o caso, as palavras de Beth Brait em *A personagem* são bem significativas para a elucidação da semelhança entre a pessoa e a personagem explorada através das narrativas literárias. De acordo com a autora:

não cabe à narrativa poética reproduzir o que existe, mas compor as suas possibilidades. Assim sendo, parece razoável estender essas concepções ao conceito de personagem: ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação. (BRAIT, 1985, p. 31).

Nossa personagem cai em um emaranhado de anseios libidinosos, até poderíamos dizer que sua espiritualidade é completamente esquecida por causa da necessidade sexual. Júlia, esposa de Dr. Bertoldo, começa a trocar carícias com o pastor libertino. A partir daí a história tende a fugir cada vez mais dos preceitos que regem a moralidade cristã. Jó põe de lado a sacra esfera dos preceitos religiosos e tudo àquilo que até então movia a vida do pastor luterano. Agora, encontra-se movido para alimentar uma necessidade acrescida por anos de inibição justamente por causa dos fundamentos da educação direcionada à devoção religiosa:

O pior de tudo era que minha prosperidade estava acabando, caindo aos pedaços, sem que eu nada pudesse fazer. Queria reagir, mas a vontade se amolecera, há muito que deixara de resistir aos impulsos que me assaltavam e entregara-me completamente aos desejos do corpo. A coisa veio vagarosamente, como um ladrão nas sombras, causando-me a princípio repugnância, para depois comprazer-me nessa repugnância para atos maiores. (BORBA FILHO, 1974, p. 17).

Em alguns momentos Jó é perturbado pela presença de um *morcego* que alça voo sempre que o pastor tem contato com o livro de “capa verde”. Em determinadas cenas, quando o personagem é tomado por um lapso de inclinação à concupiscência, surge o *morcego*, percebido, grande parte das vezes, apenas pelo pastor. Isso nos remete ao famoso poema de Augusto dos Anjos, intitulado “O morcego”, cuja estrofe final se inicia com o verso “A Consciência Humana é este morcego!”. Encaramos o aparecimento do morcego em *Sol das almas* como fenômeno puramente ocasionado pela consciência culpada e ressentida do pastor libertino, assim como ocorre no poema de Augusto dos Anjos. O peso da consciência que se contorce em meio à podridão:

Meia noite. Ao meu quarto me recolho. / Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede: / Na bruta ardência orgânica da sede, / Morde-me a goela ígneo e

escaldante molho. // "Vou mandar levantar outra parede..." / — Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho / E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho, / Circularmente sobre a minha rede! // Pegado de um pau. Esforços faço. Chego / A tocá-lo. Minh'alma se concentra. / Que ventre produziu tão feio parto?! // A Consciência Humana é este morcego! / Por mais que a gente faça, à noite, ele entra/ imperceptivelmente em nosso quarto! (ANJOS, 2014, p. 26).

A natureza simbólica do *morcego* fica evidente quando sua real existência é colocada em dúvida: “— Jogou o morcego fora? — Que morcego? — indagou Estela, com ares de quem não compreendia. — O que estava morto aqui no banheiro. — Não vi morcego nenhum — respondeu, perdendo-se no fundo da casa.” (BORBA FILHO, 1974, p.37).

O problema da consciência contaminada através da sujeição aos atos tidos como rasteiros por uma autoridade religiosa infecta a percepção do pastor consternado com a hipocrisia de pregar palavras que são conseqüentemente contrárias a sua conduta. Com isso, Jó começa a desmoronar num precipício de pensamentos que se remetem à profanação do eclesiástico graças à prevalência da vontade sexual sobre as virtudes espírito-religiosas:

até então ela fora passiva em tudo e eu achava mesmo que o seu ardor diminuiria com a prática dos gestos proibidos. Pequenos gestos proibidos para o que viria depois, pois o caminho da carne é longo e interminável. Uma noite eu a tomei nos braços e comecei a despi-la pouco a pouco, demorando-me na operação para ver o corpo que ia surgindo na penumbra. Curvando-me sobre os seios para beijá-los senti seu rosto úmido e erguendo os olhos vi que chorava mansamente, sem soluços. Parei num choque e todo o desejo se foi de repente. Era como se houvesse recebido uma cusparada na cara e toda a sujeira do mundo estivesse em mim. Mas vendo que eu parava, Estela tomou minha cabeça entre as mãos e levou meus lábios para os seus peitos, enquanto se agitava na cama e dizia com voz diferente, baixa, inaudível quase: ‘Vá, vá, é bom’. Agimos como dois porcos, até que o dia nasceu. A partir dessa noite começou a procura de sensações cada vez mais diferentes, esquisitas, fora do comum. (BORBA FILHO, 1974, p. 28).

No decorrer de alguns dias o vício do pastor em sexo equipara-se ao vício do médico em morfina: “— Não, ninguém pode me ajudar. Nem eu quero ajuda, estou me sentindo muito bem assim. O diabo é que agora preciso de doses cada vez mais fortes. Doses cavalares. Compreende o que quero dizer, não é?”. (BORBA FILHO, 1974, p.41). O trecho é compreendido como uma espécie de antecipação do próprio problema do pastor, cujo desejo sexual aumenta cada vez mais ao longo do romance. Posteriormente tudo se confirma quando o médico passa do imoral (uso recreativo da droga) para o ilegal (roubo da droga); do mesmo modo, transita o pastor, do imoral (a seu ver, a prática do sexo por puro prazer com a esposa) ao ilícito (o sexo extraconjugal, ou seja, o adultério, à época, ilegal).

Já cansado da relação com Estela, os afagos trocados com Júlia vão se tornando cada vez mais significativos para a vida de Jó, a ponto de suprimir a importância do filho que estava

para nascer. Eis que a dependência pelo corpo da esposa do médico faz a espiritualidade e a moral do pastor decair intensamente para o mundo profano. A eternidade é trocada pela efemeridade, o paraíso celeste pelo paraíso terrestre, e a moral pela satisfação dos desejos do corpo a qualquer preço. Então a relação extraconjugal que envolve Jó e Júlia plenifica de vez a existência do pastor numa esfera profana. Jó passa a se sujeitar às situações mais inóspitas para conseguir manter o caso, primeiro favorecendo o vício de Dr. Bertoldo em morfina, logo depois omitindo o dinheiro que lhe foi entregue pelo coronel Zuza para que guardasse em segurança (pois esse dinheiro era proveniente das economias que deveriam assegurar a vida da família do coronel avarento). Depois da morte do coronel Zuza, o pastor devolve apenas metade do dinheiro, pois a outra metade estava destinada a “salvar a vida de Júlia”, confinada em um casamento em que constantemente sofria maus tratos por causa de crises de abstinência do marido viciado em morfina. Logo a consciência culpada do pastor desemboca numa consciência de dívida. Após suprimir toda sua moral, Jó mostra-se dependente (poderíamos dizer até apaixonado) da relação que mantém com sua amante:

Levantei-me disposto a entregar-lhe o dinheiro para a fuga, mas ela tomou o gesto como um convite para a posse e num instante despiu-se, novamente na cama, sob a luz forte. (...) veio-me então, uma ideia louca e romântica: fui tirando do bolso os maços de dinheiro e, desfazendo-os deixei cair as cédulas sobre o seu corpo. As notas rodopiavam um pouco e pousavam nos seus seios, no seu ventre, nas pernas. (...) Então me olhou, largando as cédulas na cama e eu vi que chorava. Estendeu-me a mão e eu, desvencilhando-me das roupas, fui ao seu encontro e ali, as cédulas colando-se ao corpo, amassadas, revolvidas, possuí-a selvagemente. (BORBA FILHO, 1974, p. 211).

Por mais que houvesse certo tipo de troca na relação adúltera entre Jó e Júlia, o pastor ainda se sentiu no dever de ajudar a amada a soltar-se das amarras do marido. Com isso, o dinheiro roubado da família do coronel Zuza serviria para estruturar a fuga de Júlia de modo bem-sucedido. Embora saibamos da consciência altruísta que vaga levemente pela personalidade do Pastor, nutrimos a ideia de que “salvar a vida de Júlia” representa, antes de qualquer coisa, para Jó, uma nova possibilidade existencial que se abre. Depois de entregar o dinheiro, o pastor não iria mais ver a amante, contudo, “ela me mandaria dizer onde estava e eu a procuraria logo que pudesse” (BORBA FILHO, 1974, p. 211). Agora Jó sabe que vive uma existência profana iniciada a partir da supressão da moral luterana em prol da saciedade dos desejos do corpo. No entanto, o altruísmo advindo do espírito religioso de Jó ainda é marcante. Mesmo prestando serviços que favoreciam o vício do marido de Júlia, o pastor sentia que pagava sua dívida através do dinheiro que disponibilizara para a fuga de Júlia, pois “ela lhe dava o corpo” e ele a ajudava com aquela situação.

Somos levados a admitir que o homem religioso seja um ser para quem a vida é submetida a dois meios complementares da existência, a saber, o sacro e o profano. E por mais que este ser religioso abandone o céu movido a satisfazer os desejos profanos, a marca do elemento sagrado tradicional (religioso) permanece alojada no seu íntimo.

3 CONCLUSÃO

A tensão entre o sacro e o profano dentro da personagem exibe-se pela densidade do conflito interno do pastor entre a sacralidade do corpo (em detrimento da salvação da alma) ou a profanação da alma (por meio da consumação dos desejos sexuais, e da relação extraconjugal). Contudo, de acordo com o filósofo romeno Mircea Eliade, o sagrado tem como função dar sentido, existindo apenas para o homem religioso como ponto de referência. Com ele o homem se encontra em meio ao caos da massa amorfa de tudo aquilo que não é de verdade, real por excelência: “é que o sinal portador de significação religiosa introduz um elemento absoluto e põe fim à relatividade e à confusão” (ELIADE, 1992, p. 20). Como se sabe, “o sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder eficiência, fonte de vida e fecundidade” (ELIADE, 1992, p. 21). O desejo do homem religioso em preencher-se de sentido através do sagrado corresponde, propriamente, “ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas.” (ELIADE, 1992, p. 21).

Na dramática existência do pastor Jó, nos deparamos com o estado típico de um personagem ambíguo. Em determinado momento, manifesta-se a sacralidade através da vontade de seguir firme uma vida predestinada à salvação eterna, em outro, liberta-se às erupções que perfazem uma existência mundana inclinada ao pecado da carne.

No capítulo 13, quando Estela encontra o frasco de perfume que Jó compra para Júlia, experimenta e pensa ser um presente para ela, surge uma tensão entre o sagrado — na figura da mulher de casamento religioso: “Estela, como uma criança que recebe um presente inesperado, agarrou o vidrinho, a alegria nos olhos, abrindo-o com tanta sofreguidão que nem sequer notou já ter sido usado” (BORBA FILHO, 1974, p. 58) — e o profano — na figura de Júlia, amante, mulher do outro: “o cheiro forte trouxe a presença de Júlia e quando ela caminhou para mim, à

maneira das imagens superpostas nos filmes, uma mulher se fundia com a outra.” (BORBA FILHO, 1974, p. 159).

Nosso trabalho dialoga com o conceito sagrado/profano sobre a ótica da análise hermenêutica da tensão existencial do pastor Jó, cujo itinerário oscila entre a sacralidade de uma vida predestinada à salvação e a liberdade das erupções que perfazem a existência mundana inclinada ao pecado. Com base nas perspectivas expostas por Mircea Eliade em *O sagrado e o profano* (1957), podemos concluir que o homem religioso, como o pastor Jó, é um homem para o qual a vida se apresenta através de *dois modos de ser no mundo* — sacro e profano. Mesmo Jó, com toda sua devassidão, continua de certo modo vivenciando o simbolismo religioso que perfaz a esfera sacra (detentora de sentido).

Em determinado momento, Jó parece ter perdido a fé na crença que seguiu durante toda sua vida, mostra-se como um ser sem religião, para quem a vida interpreta-se apenas pelo campo orgânico: “o que, sobretudo me arrepiava era o aniquilamento total, o mergulho no nada, sem remissão. Uma coisa que foi e que não seria mais, desaparecida completamente.” (BORBA FILHO, 1974, p. 181). Nessa altura, a personagem parece apontar para a vitória do profano, mas o pastor permanece no mundo heterogêneo dos espaços sagrados, envolvido por toda a mística sobrenatural. Ao fim do seu *réquiem*, perto de cometer suicídio (pecado final), Jó sabe que foi “condenado pelo Demônio, mas embora saiba disto, a seringa está fervendo, as ampolas estão alinhadas em cima da mesa e dentro de alguns minutos verei sua cara onde quer que ele esteja” (BORBA FILHO, 1974, p. 233). Outro sinal de suas credices místicas é a passagem que flerta com a astrologia: “Meu signo é Capricórnio e isso com certeza explica meu caráter libidinoso, durante tanto tempo sufocado pela disciplina da religião, mas finalmente vencendo e causando todos os atropelos pelos quais passei.” (BORBA FILHO, 1974, p. 219). Por fim, surge a figura simbólica do bode para confirmar a permanência do pastor no ambiente supranatural do sagrado: “(...) ao acordar no dia seguinte ao do encontro com Júlia, quando lhe entreguei o dinheiro, estava com um bode dentro de casa.” (BORBA FILHO, 1974, p.216). A simbologia é um elemento marcante em *Sol das almas*, se o morcego simbolizava a consciência, em matéria humana, o bode retrata a representação do demônio, em matéria mística. Esses aspectos são de extrema importância para nossa análise, pois de acordo com Mircea Eliade: “para os apologetas cristãos, os símbolos estavam carregados de mensagens: mostravam o sagrado por meio dos ritmos cósmicos.” (1992, p. 68).

O homem busca seguir o caminho do sagrado para se encher de realidade objetiva cosmologicamente organizada, pois o “terror diante do ‘Caos’ que envolve seu mundo habitado

corresponde ao seu terror diante do nada.” (ELIADE, 1992, p. 36). O pastor se perde nos devaneios sexuais e deixa a luxúria dominá-lo completamente. Alojado na esfera profana que, para o homem religioso, representa o não-ser, a massa amorfa, efêmera e sem sentido: “sente-se esvaziado da sua substância ‘ôntica’ como se dissolvesse no Caos.” (ELIADE, 1992, p. 37). Após numerosos conflitos entre o eu religioso e o eu profano, o pastor finda numa situação cujo controle não mais detém. Jó atormentado pelos resultados dos atos ilícitos, já no seio do pessimismo, condena toda sua vida às esferas inferiores do reino bestial. Comete suicídio (pecado sem volta na tradição cristã), com isso, entra de vez na esfera profana, condenando sua alma ao inferno. Por fim, torna-se evidente a vitória do profano sobre o sagrado na vida da personagem.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio**. Tradução Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. **As confissões**. Tradução Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997.
- ANJOS, Augusto. **Eu e outras poesias**. João Pessoa: MVC, 2014.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- BORBA FILHO, Hermilo. **Sol das almas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- OLIVEIRA, Sílvio Roberto. Um palco em suas mãos. In: BORBA FILHO, Hermilo. **Os melhores contos**. São Paulo: Global, 1994.
- NÓBREGA, Geraldo Medeiros. **Memórias de resistência e resistência da história**. Campina Grande: Eduepb, 2015.